



FONTE: AGENCIA DE NOTÍCIAS DO GRUPO FOLHA

Humberto Costa

SENADOR E EX-MINISTRO DA SAÚDE

“Há um subsídio indireto por parte do sistema público para o setor privado”

Não há equidade. As pessoas da classe média têm acesso mais rápido a medicamentos e procedimentos de alto custo do que a parcela mais pobre da população, diz ex-ministro

“O maior desafio do País na saúde continua sendo a implementação do SUS (Sistema Único de Saúde) e, dentro disso, o Brasil tem outras grandes barreiras a superar que são enormes desafios também. O primeiro, e mais importante, é o do financiamento. Qualquer que seja o critério de análise dos gastos do País com saúde, sob qualquer ângulo que se observe, chega-se a conclusão que se destina poucos recursos à área. Do gasto total com saúde no Brasil, o setor público responde por cerca de 45%; e o privado, o gasto das pessoas, com 55%.

Para um sistema que constitucionalmente é definido como universal, o padrão está muito abaixo em comparação aos países que tem essa mesma definição, onde a participação do setor público nos gastos com saúde é muito maior, de aproximadamente 80%. Os recursos não são suficientes porque a prestação de serviços cresce a cada dia e o financiamento não. Ao contrário, com o fim da CPMF a saúde perdeu uma média de R\$ 40 bilhões por ano, em valores de 2008.

O segundo desafio é que não adianta aumentar os recursos se não existir uma clara definição das responsabilidades de todos os atores do sistema de saúde. Desde os estados, municípios, governo federal, passando pelos prestadores de serviços e profissionais, são necessárias definições muito claras em termos de responsabilidade sanitária de todos. O País precisa de uma legislação para definir essas responsabilidades e que seja capaz de ser um instrumento de cobrança e de constrangimento daqueles que deixarem de cumprir a Lei.

O terceiro, que de certa forma depende dos dois anteriores, é o da construção de uma legitimidade do Sistema. O SUS, sem dúvida, é bastante avançado, um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo, atende a mais de 70% da população brasileira exclusivamente. Mas ele tem problemas na qualidade do atendimento: há filas e a realização de determinados procedimentos é demorada.

Por isso, o Sistema também não tem equidade. As pessoas da classe média têm acesso mais rápido a medicamentos de alto custo, transplantes e vários procedimentos de alta complexidade porque têm planos de saúde e fazem consultas e exames mais rapidamente do que os dependentes exclusivamente do SUS. Elas também têm poder econômico para acionar a Justiça e obter liminares que garantem acesso mais rapidamente a serviços e procedimentos que os planos de saúde não cobrem. Os procedimentos de alto custo ficam todos sob o chapéu do SUS. Há um subsídio indireto por parte do sistema público para o setor privado. Em decorrência disso, muitas vezes, faltam recursos para atender os segmentos mais pobres da população, incluindo na assistência a doenças crônicas.

Outra barreira relevante é a dos recursos humanos. Há ausência de mecanismos de contratação que permitam ao gestor mais flexibilidade para atender as necessidades do Sistema, incluindo as de definição de remuneração de pessoal. Há má distribuição e carência de profissionais,

especialmente de médicos. O modelo da contratação por meio de concurso público engessa o SUS e há o poder de fogo das corporações, particularmente a médica, que construiu uma reserva de mercado ao longo do tempo.

A solução é abrir novas escolas e direcionar recursos para a especialização em áreas de interesse do SUS. O sistema das universidades públicas cresceu muito no governo do Lula, incluindo os cursos de medicina. Mas pode-se ampliar o número de escolas públicas ou o número de vagas nas existentes para que esses futuros médicos atendam a demanda da saúde pública. Para garantir isso, entretanto, é necessário estabelecer o serviço civil obrigatório, e não só para saúde, mas para qualquer área que tenha carência de profissionais nos serviços públicos. Quem se forma em escola custeada pela sociedade, tem de retribuir esse investimento com seu trabalho, mas bem remunerado.”